

Revista Internacional do Espiritismo

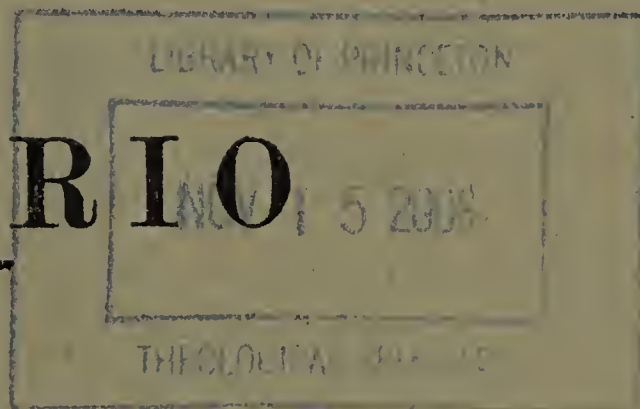
LAP

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :

CAIRBAR SCHUTEL

SUMÁRIO



Luta intrínseca e extrínseca
A Vidente de Prevorst
A Dôr através os tempos
Rumo Certo
Fenômenos de Materialização
Respigas e Comentários
Meras Coincidências...
A Luz mais brilhante do século das
Luzes
Dialética do Espírito

O Curso Verbal
O Sentimento Estético—nos Animais

Crônica Estrangeira
Espiritismo no Brasil
Necrologia

Redação

Francisco Klörs Werneck

J. B. Chagas

Pereira Guedes

Amadeu Santos

M. Quintão

Oscar Nilsson

Leopoldo Machado

*Rita Ratisbona de Ruão Ra-
belo*

De Agostinho

*(Do livro "A Evolução Aní-
mica", de Gabriel Delane.)*

Redação

Redação

Redação

STATE OF NEW YORK

IN SENATE
January 1, 1900

REPORT
OF THE
COMMISSIONERS OF THE LAND OFFICE
IN ANSWER TO A RESOLUTION PASSED BY THE SENATE
MAY 15, 1899

ALBANY:
J. B. LIPPINCOTT & COMPANY, PRINTERS,
1899.

OBRAS de CAIRBAR SCHUTEL

Parábolas e Ensinos de Jesus

Obra assaz difundida, indispensável a todos os cultores do cristianismo. Exposição clara e lógica dos textos evangélicos.

De grande formato, com 450 páginas. referida obra está dividida em duas partes : 1.^a — Parábolas de Jesus, explicação racional das 35 parábolas evangélicas ; 2.^a — Exposição dos Ensinos de Jesus e dissertação filosófica sôbre os princípios religiosos expostos pelo Grande Missionário.

O Espírito do Cristianismo

Esse trabalho é o complemento de «Parabólas e Ensinos de Jesus.»

Obra muito util para elucidação do Evangelho. De mais de 400 páginas, contém uma parte que trata de Premonições, Avisos Proféticos, Sonhos Premonitórios. Explica como se efetuaram as «curas operadas por Jesus».

Gênesis da Alma

O autor desta obra teve em mira demonstrar com bases sólidas, factos verificados e verificáveis, argumentos irrefutáveis, a Imortalidade da Alma a começar do ponto em que o *princtipio anímico* se nos apresenta em seu período embrionário.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* ✂ REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas : Rua Rui Barbosa, n. 673

Luta intrínseca e extrínseca



QUELES que tiveram a ventura de quebrar os grilhões que os prendiam ao estreito círculo da vida material, ao admitirem, depois de estudos e observações,

a existência e sobrevivência do espírito após a morte do corpo somático e ao se convencerem de que só a prática da moral cristã é que pôde estabelecer em todos os corações, em toda a parte onde se movimentam as criaturas e entre as nações a verdadeira paz que todos almejam, mostrando independência e personalidade, encaram os acontecimentos internacionais com otimismo, embora tais acontecimentos se revistam de negras e inquietantes perspectivas.

Efetivamente, a humanidade está passando por grandes provas e sofrimentos que nos levariam a acreditar achar-se ela à beira de um abísimo se não soubéssemos, através dos conhecimentos que adquirimos no campo dos estudos relacionados com os assuntos espirituais e evangélicos, que se trata da sua passagem de um para outro ciclo, na interminável senda da evolução para a perfeição. E lendo a história da humanidade, a começar do homem primitivo, que residia em imundas cavernas, até o homem dos nossos dias, que singra os

espaços atingindo alturas não atingidas pelo próprio condôr, nós vemos que em determinados períodos, a princípio distanciados quatro, três e dois mil anos aproximadamente uns dos outros, mas agora menos distanciados e menos ainda o serão, porque a distância diminuirá à medida que as criaturas avançarem na senda da espiritualidade, a humanidade é surpreendida por guerras tremendas, que levam à retaguarda o fúnebre cortejo de misérias físicas e morais quasi inenarráveis, além dos cataclismas naturais, alguns provocados pela própria guerra. É quando a humanidade faz a sua passagem de um para outro ciclo evolutivo, dando mais um passo para a frente na senda do aperfeiçoamento moral, intelectual e espiritual.

Entretanto, os homens precisam compreender que a guerra dirigida contra os seus semelhantes não resolverá de uma vez, os seus magnos problemas, pelo contrário será sempre o fruto de recalçadas ambições, do orgulho e do egoísmo, sinais característicos do homem inferior, moral e espiritualmente atrasado, embora seja um intelectual, porque as guerras são sempre provocadas pelos mais entendidos, pelos mais sábios, e não pelos ignorantes que são em maior

número e que só podem disputar ninharias.

A' pergunta: se da face da terra, algum dia a guerra desapareceria, o Espírito respondeu: «Sim, quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus. Nessa época todos os povos serão irmãos». (Livro dos Espíritos, pergunta 743).

Para que a guerra desapareça da face da terra, os homens a devem fazer não com os seus semelhantes, mas consigo mesmos, procurando subjugar os inimigos que residem no âmago de sua alma, inimigos ocultos que prejudicam muito mais que os inimigos visíveis. Logo, a luta deve ser intrínseca e não extrínseca. Foi esta a luta, a guerra que Jesus, na sua missão de evangelizador, veio ensinar quando disse: «Não penseis que vim trazer paz a terra, não vim trazer paz, mas espada.» E essa espada é para decepar a cabeça dos nossos inimigos ocultos, que são o orgulho, o egoísmo, as baixas ambições, pondo no lugar de cada imperfeição uma virtude. E' com essa espada que decepamos também a ignorância dos que nos combatem por não compreenderem a Verdade que pregamos e defendemos.

Mas a evangelização da humanidade é tarefa demasiadamente longa e penosa. Faz quasi dois mil anos que Jesus desceu a este mundo para ensinar aos homens os preceitos máximos da lei de Deus e até agora, dos cem passos que deveriam dar para a frente, parece que deram apenas um, pois continuam a seguir a mesma rotina dos publicanos, dos fariseus e dos gentios daquele tempo. Intolerantes, prepotentes, gananciosos, fraudulentos, hipócritas, mentirosos, os homens, dando cada vez mais expansão aos seus apetites materiais, às suas baixas ambições, estão transformando o mundo numa autêntica «Torre de Babel».

Creemos que dois mil anos de evangelização seria tempo suficiente para fazer as criaturas compreenderem em parte a lei de Deus, se os que se propuzeram a levar avante essa tarefa tivessem cumprido com os seus deveres, deveres de ordem moral e espiritual.

Se aqueles que conhecem os preceitos evangélicos no espírito que vivifica, dificilmente vencem alguns dos seus vícios, quanto mais aqueles que os não conhecem! Não basta ter conhecimento da lei, o essencial é cumpri-la. Não basta ensinar, o essencial é praticar o que se ensina para que a palavra mereça crédito por parte daqueles que a ouvem. Ao contrário, vã é a nossa pregação e somos ouvidos com indiferença.

Não há dúvida que a luta entre os nossos vícios e imperfeições de um lado e o nosso desejo de sermos bons, de outro, é árdua, mas precisamos nos compenetrar de que a nossa simples presença neste mundo é justamente para entrarmos nessa luta e subjugar os nossos inimigos maiores que residem no âmago de nossa alma, e se formos perseverantes até o fim, indiferentes sempre às tentações que de mil formas nos apresenta o mundo em que vivemos, venceremos.

Efetivamente, os vícios, o agarramento às cousas terrenas, o orgulho, o egoísmo, as baixas paixões constituem os nossos maiores inimigos, porque são êles que nos impedem de dar mais largos passos na senda da perfeição, da felicidade. Uma vez vencidos êstes inimigos obstinados, os únicos que nos acompanham a cada passo, os inimigos externos, que parecem ser os mais terríveis, devido a nossa ignorância, serão automaticamente postos fóra da arena. Logo, a luta deve ser intrínseca e não extrínseca, como pensam os menos prevenidos.

O Espiritismo, que é o Paracleto da Promessa de Jesus, veio ensinar estas e outras cousas para o enriquecimento do patrimônio espiritual daqueles que querem seguir a Jesus, que querem ser efetivamente felizes já neste e não apenas no outro mundo, porque quem não procura ser feliz nesta vida não o será também na outra, porque a verdadeira felicidade é constituída sómente pelas virtudes ativas, pelas boas obras.

Na luta intrínseca é que está o valor da nossa vitória, se a soubermos conquistar com perseverança e fé.

A Vidente de Prevorst

PRIMEIRA PARTE

A Vida e as Faculdades da Vidente

Pelo Dr. Justino Kerner

Tradutor: Dr. Francisco Klörs Werneck

CAPITULO XX.

Modificação no estado da vidente

A 18 de Outubro de 1827, achando-se a Sra. Hauffe em estado de sonambulismo causado por vinte e um banhos de louro, nos disse ela que, na noite do dia seguinte, às 7 horas, se encontraria pela última vez num perfeito estado de clarividência, que estaria, em seguida, mais desperta para a vida externa e que nós nos tornaríamos estranhos a seus olhos; o aspecto de seus olhos seria mais natural e o passado lhe faria efeito de um sonho. Eu lhe perguntei se os fantasmas deixariam de aparecer e ela respondeu que isso não dependia do seu estado de sonambulismo. Eles apareceriam como outróra, mas lhe pareceriam espantosos e lhe causariam mêdo. Ficou de noite muito doente e disse que lhe parecia que uma luta se travava dentro dela, como entre dois combatentes dos quais um afirmava que ela estava em Weinsberg, ao passo que o outro sustentava que se achava em Löwenstein. Em um caso, os objetos, que a cercavam, lhe pareciam familiares; no outro já lhe pareciam estranhos. Na manhã do dia 19, pareceu-nos que tinha ela muita dificuldade em falar sua língua habitual, sendo impelida a falar o puro alemão e a tratar todo o mundo por «tú». Declarou que se sentia como prestes a perder a sua alma e como se algo fosse morrer nela.

Nesse mesmo dia 19, pelas 7 horas da noite, achando-se em estado de sonambulismo, disse, depois duma prece feita em silêncio, o seguinte: «Sinto que desperto hoje de um longo sôno, que dura desde o momento em que vim para cá, quando então me repreendestes, e eu sinto que há em mim bem pouco de humano. Conteí, até então, com o auxílio dos homens, mas agora me sinto abandonada e inteiramente recolhida em mim mesma. Desde aquele momento, não vivi uma única hora sôbre a terra, mesmo quando parecia mais desperta. Ficarei,

pois espantada, ao despertar, parecendo que sonhei com muitas pessoas. Quando os espíritos, que eu tenho o hábito de vêr, vierem a mim, eu não os reconhecerei e lhes farei perguntas que já lhes fiz e suas presenças me causarão mais espanto quando estiver acordada, porém eu sei, pelo estado dos meus nervos óticos, que os tornarei a vêr. Os nervos das pessoas de boa saúde podem também vê-los, mas eu vejo mais do que conto: penetro inteiramente no mundo dos espíritos. Que ninguém me fale o que quer que seja de meu longo sôno, mas que se me prepare para a vinda dos fantasmas, sem o que ficarei muito espantada quando os vêr. Parece que estou ainda na noite de minha chegada aqui. Quando eu acordar, reclamarei minha irmã Amélia, que estava então comigo.»

Após ter orado, pediu-nos que a despertássemos, o que fizemos, tocando-a com um pedaço de cristal. Sua primeira pergunta foi pela sua sua irmã, à qual queria narrar o seu longo sonho. Ainda que estivessemos estado sempre perto dela, parecíamos todos estranhos à ela, que só reconheceu os que já lhe eram conhecidos antes de 26 de outubro de 1826. Mostrou-se extremamente surpresa pela melhora do seu estado de saúde e, especialmente, ao verificar que não tinha mais febre miliar. Disse-lhe que um médico lhe havia ministrado um pó que lhe produzira certo sôno, que durara a primavera e o verão. Isso a fez chorar, exprimindo a tristeza de haver passado em sôno tão longo tempo. Experimentou um aborrecimento extremo de se achar num quarto estranho, cercada de coisas que não conhecia. Contou que, durante a noite, ficára muito alarmada. Pela uma hora, certa forma entrára no seu quarto e se colocára ao pé dela, dizendo: «Dai-me consolo». Ficára muito espantada e lhe perguntára o que queria dela. O fantasma lhe respondera que tinha ido muitas vezes vê-la e narrou, então, o que se lerá na segunda parte dêste volume.

No dia seguinte, experimentou ainda grande mal estar e se deixou ir ao desespero, porque não podia se refazer no seu novo estado. Foi um grande erro da parte de certas pessoas o de falar-lhe de algumas particularidades de sua vida magnética. Lastimou-se muito aqui e se mostrou extremamente desejosa de voltar para a casa dela. Parecia lembrar-se de certas pessoas, olhando-as fixamente nos olhos, mas perdera toda lembrança do que ouvira, sentira, cheirara e tocara durante estes últimos meses. Dizia que a visão era uma função mais espiritual que a audição e que muitas vezes a primeira lhe revelava o que não fizera nenhuma impressão sobre a segunda. A única flôr

de que guardava recordação era a fórmula e parece que foi pelos olhos que teve noção do seu perfume.

De todos os poemas que lera em vida, o único de que se lembrava ainda era um poema de Goethe. Na realidade, ela ficara tal qual dantes, mas a sua voz ficou fraca e se achava menos capaz, que outrora, de levantar da cama. Os minerais e as plantas continuavam a produzir sobre ela os mesmos efeitos, mas meu poder magnético sobre ela tinha diminuído bastante. Todavia, não nos parecia que ela estivesse completamente fóra da esfera magnética e se mostrava provável que apresentasse ainda um novo despertar.

A Dôr através os tempos

J. B. CHAGAS

— I —

- RESUMO:
- (1 — Preâmbulo histórico
 - (2 — Como acabar com a dôr
 - (3 — Drogas e Panacéas
 - (4 — A Dôr no conceito espirítico
 - (5 — O *porque* da Dôr

1 — Preâmbulo histórico

Um monge da Idade Média, chamado Abelardo, considerando a passagem da lenda bíblica do Capítulo 2.º da Gênese, que diz ter o Senhor tirado de Adão uma costela, enquanto este dormia, e dessa costela, formado a mulher, enchendo de carne o lugar donde a tinha tirado, afirmou uma tese de maneira séria, porque Deus segundo a sua opinião, colocou Adão num profundo sono, afim de lhe extrair, sem dôr, uma costela!

Esqueceu, porém, o monge Abelardo, de dizer se a fórmula original de todos os específicos anti-nevrálgicos, fôra também encontrada.

Nós, espiritistas, sabemos hoje que a alegoria da Bíblia não passa mesmo de simples alegoria ou fantasia.

O progredir constante da Ciência, já demonstrou a impraticabilidade daquele processo de procreação, porque, a ser verdadeira a lenda, Deus teria concedido a Eva um privilégio, alterando profunda-

mente a imutabilidade das suas leis, o que não é admissível, uma vez que também o facto, jamais se repetiu, na história, nem mesmo esporadicamente.

O gênio admirável de Miguel Angelo, fixou o nascimento de Eva numa tela que, em *vitrou*, se encontra no Vaticano, na Capela Sixtina. Vê-se ali, Adão desnudo e adormecido, recostado a um rochedo, e Eva, em fórmulas bem proporcionadas, cabeleira caída sobre os ombros, ainda com o pé mal saído do quadril esquerdo do primeiro homem, a agradecer ao Padre Eterno, tamanha graça!...

Para alguém pesquisar nas eras remotas os processos empregados para acalmar os sofrimentos ou suprimir a dôr, terá que compenetrar-se bem dessa idéia, porque os antigos, pretendiam, antes de tudo, tratar a causa e apenas, secundariamente, se interessam pelos sintômas.

A dôr, afirmou *Dartigues* -- é «velha como o mundo, antiga como os povos; a dôr percorre toda a cadeia zoológica, se agudiza e sublima à medida que caminhamos na perfeição anatômica e de acôrdo com o desenvolvimento progressivo do sistema nervoso. (*A DÔR EM CIRURGIA*).

Inúmeros factos históricos comprovam êste acôrto. Temos conhecimento de vários mártires que enfrentaram a morte

com estoicismo, sem lágrimas, sem lamentos, como si a dôr nenhuma influência exercesse sobre eles, daí dizer *Goethe* — «Se a tua dôr te oprime, faze dela um poema!»

2 — Como acabar com a dôr.

O tratamento sintomático da dôr é consequente da terapêutica moderna. Muitos médicos não acreditavam que as operações cirúrgicas pudessem ser efetuadas sem dôr. E assim, escrevia *Volpeau* em 1839 — «Evitar a dôr nas operações é uma quimera que não é mais admissível perseguir hoje.»

Oito anos mais tarde o farmacêutico francês *Soubeiran*, descobria o chloroformio, por cuja conquista toda a Humanidade lhe deve ser eternamente grata, a tal modo que nenhum cirurgião jamais poderia recusar aos seus pacientes os benefícios da nova descoberta. E assim, os horrores e os arrepios, os sofrimentos que se infligiam outróra aos pacientes nas intervenções a frio, ficariam apenas anotadas nos alfarrábios médicos, como lembrança para os provindouros, como agora estamos anotando.

Salvo mais aprofundadas pesquisas, é no Egito que vamos encontrar o mais antigo dos medicamentos contra a dôr: O *Nephentes*, de que nos fala *Homero* na sua «*Odisséia*». *Helena* — conta-nos — havia obtido da egípcia *Polydamna* êsse medicamento adotado para «acalmar a dôr e dissipar as tristezas».

Mas, os comentadores de *Homero*, que constituem legiões, muito fizeram por descobrir a planta da qual era extraída tal droga. A maioria, porém, pensou que se tratasse do ópio utilizado nos paizes orientais de longa data.

Não resta dúvida, que êsse medicamento, qualquer que êle seja, alcançou o Ocidente, pois, que no Século XVII, foi encontrada entre os boticários de *Toulouse*, uma fórmula de *Nephentes*, na qual figurava o ópio, o castório e outros entorpecentes.

Alexandre, o Grande, ao fundar a cidade de *Alexandria* no ano de 332, trouxe para aí médicos e sábios de seu país, e dentre estes, *Praxagora*, que pôde ser considerado como o fundador da primeira escola de farmácia que já existiu no mundo. Esta escola tem como título de glória ter lançado a famosa *Teriaca*, que *Andromaco de Creta*, médico de *Néro*, te-

ria de aperfeiçoar mais tarde, incorporando-lhe o pó de serpentes.

Numa gravura de *Galle*, segundo *Stradan*, vê-se um grupo de homens empregando as suas atividades, com o auxílio de sapos e cães, na caça de serpentes destinadas à preparação do pó.

3 — Drogas e panacéias.

A *Teriaca*, mistura bizarra de drogas, apresentando diferentes propriedades, tinha, contudo, indicações múltiplas. Era utilizada antes das operações e contra certas dôres violentas, num grande esforço para vencer a dôr. Foi o medicamento que seguramente desfrutou de maior preferência durante muito tempo. Só era vendida nas farmácias.

O pó de serpente não foi o único produto animal a ser empregado na terapêutica antiga. A *História Natural* de *Plínio*, dá-nos conta de que os Gregos e Romanos faziam desta substância um verdadeiro abuso. Hodiernamente, vêmo-la empregada, no cumprimento do axioma médico: «*Similia Similibus Curantur.*»

Mas, evitemos o desvio do estudo que têmos em vista fazer em tôrno da evolução da dôr, ou dos processos empregados para evitá-la ou vencê-la. Não podemos, porém, fugir ao desejo de anotar aqui algumas das mais pasmosas receitas, reconhecendo, entretanto, como o próprio *Plínio*: «que não se pode transcrevê-las sem rir, mas não se pode omití-las porquanto foram receitadas».

Na época da Renascença, como no tempo de *Hipócrates* e de *Galeno*, havia numerosos sábios que eram ao mesmo tempo médicos e boticários. Entre os mais sábios e mais célebros, devemos citar *Nicolas Lémery*, autor do primeiro Tratado de Farmácia, que verdadeiramente merece êsse nome; o de *Nicolas Houel*, criador do primeiro Jardim Botânico na França de onde se originou a atual Faculdade de Farmácia.

Cometeríamos um grande êrro, ao encerrar este preâmbulo, sem ao menos fazermos uma ligeira referência ao papel que desempenharam os rústicos laboratórios existentes nos conventos da Idade Média, grandes distribuidores de remédios que eram, e cuja terapêutica durante muitos anos, permaneceu, quasi que exclusivamente nos mosteiros. Todas as ordens religiosas, fossem elas *Beneditas* ou Fran-

ciscanas, etc., entregavam-se invariavelmente à preparação de drogas.

Não poderíamos também deixar sem alusão os *tabus* terapêuticos, existentes ainda hoje em dia, mais na credence popular da gente inculta ou de pouca ilustração.

Os medicamentos que a antiguidade havia obtido do reino animal, a Idade Média e a Renascença ajuntaram certas substâncias de origem humana. Foi assim que as regras da virgem e o bálsamo de carne de enforcado figuravam como remédio para curar a *gota*. A gordura humana entrava em uma preparação que figurou no Codex com o nome de «Bálsamo de Arceus». A gordura do cadáver de um enforcado era reputada ainda mais eficaz, e por tal motivo os carrascos oficiais obtinham bom rendimento da venda desta matéria prima, imprescindível à farmácia de então. Esta renda era ainda aumentada com o fornecimento de dentes de enforcado, muito apreciados como «mascotes»... GOYA,

fixou em original tela o ato da retirada do dente do enforcado, mostrando uma mulher, ao arrancá-lo, tapar o rosto com um pano, com a fisionomia a demonstrar um misto de medo e pavor!

A *gota*, por exemplo, doença dos poderosos e dos ricos dêste mundo, e também dos glutões, foi uma das doenças para a qual se utilizou, em todos os tempos, as drogas mais diversas, e as mais inverossímeis. Estes extravagantes remédios despertaram a atenção de *Luciano*, que a ela dedicou um dos seus Epigrâmas: — «Deusa que odeia os pobres, que sómente mortifica os ricos, tú conheces às maravilhas a arte de bem viver! Tú te delicias em te colocares sobre os pés dos outros; tú sabes usar tuas armas, e os perfumes te fascinam; tú amas também as corôas e o licor da Ausonia, tão caro a Bacho! Nada disso se encontra entre os pobres, e eis porque tú foges do contacto tétrico da pobreza e te sentes jubilosa em viver aos pés da riqueza!

(Continua)

/// Rumo Certo ///

Pereira Guedes

Em 28 de Agosto de 1947, atendendo gentil convite dos diretores da Tenda Espírita «Fé e Caridade», de Niterói, cujos trabalhos se realizam no salão da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, alí comparecemos para pronunciar mais uma palestra de uma série por nós iniciada dois anos antes.

A nossa palestra dessa vêz, sob o título RUMO CERTO, foi ouvida por uma grande assistência. Depois de mais de uma hora, quando demos por terminada a nossa tarefa daquela noite, não se ouvia uma só palavra de descontentamento. Muitos abraços, muito entusiasmo e aquela alegria contagiante, tão comum nessas ocasiões, invadia os nossos corações.

E assim, na mais plena satisfação, regressamos ao lar.

Dias depois, alguém de Niterói nos envia o exemplar de um jornal de feição espiritualista, daquela cidade, referto dos mais pesados vocábulos pejorativos assacados contra nós.

Por que?

Porque não nos foi possível agradar,

dentre aquela multidão, a dois, simplesmente a dois espiritualistas presentes, e, por certo, filiados a uma corrente eclética, dêsse novo ecletismo umbandista que em nada se parece com o Espiritismo.

Aos confrades de Niterói, naquela noite, no desenvolvimento de nossa palestra, afirmamos, como aliás temos feito em várias ocasiões, que o Espiritismo não tem «linhas» da esquerda ou da direita e que a sua linha é a do bom senso, para a frente e para o alto.

Que o africanismo, ultimamente batizado e crismado por Umbanda, Quimbanda e outras extravagâncias de outras bandas, não é nada mais nada menos que um misticismo esdrúxulo, originado das religiões africanistas e mescla de catolicismo, que, no Brasil, tão bem descrita por Nina Rodrigues, Edson Carneiro, Arthur Ramos e outros que em seus magníficos trabalhos, principalmente os do cientista emérito Nina Rodrigues, o pai do assunto, que sábiamente soube expôr com o mais elevado pretexto de contribuição antropológica, enriquecendo o pa-

trimônio das letras nacionais; livros que serviram de base a tão erudita quanto documentada conferência de Alfredo Pedro d'Alcântara, realizada na Federação Espírita Brasileira, em 28 de Outubro de 1941, bem como para o seu esplendido livro a ser brevemente publicado, cuja leitura nos foi confiada — LINHAS DE UMBANDA — (suas origens e seu destino).

Mostramos ainda, no curso daquela palestra, que o Espiritismo abrangendo os três aspectos, filosófico, científico e religioso, não produz fanatismo como acontece no «ecletismo umbandista», cujos chefes são reverenciados, temidos e adorados, como no tempo dos deuses da antiga Pérsia.

Afirmamos ainda que, para os espíritos, a única linha, a do bom senso, está na superioridade da codificação kardecista; que a palavra *espiritismo* surgiu para designar a Nova Revelação, empregada pela primeira vez pelo codificador ao lançar à publicidade as obras fundamentais que os espíritos lhe ditaram.

E dissemos mais: que alí, onde estávamos, não havia um só símbolo, uma imagem sequer que nos pudesse condenar de seguidores do paganismo, ou um altar onde o presidente da Federação ou mesmo da Tenda se recolhesse com a presunção de haurir e distribuir poderes extraordinários, considerando-se, petulantemente, um escolhido.

A nossa opinião, que aliás se apoia na de muitos estudiosos no assunto, é esta: as religiões africanistas que tanto proliferaram no Brasil, em contacto com a religião católica, produziram êsse misto que vemos hoje revestido de novas formas e designações, em contínuas enxertias no vastíssimo campo explorados pelas muitas doutrinas espiritualistas que nada têm de Espiritismo, senão a manifestação do espírito que é, alias, tão velha que, a ninguém foi possível até hoje, precisar factos e datas que nos levem a poder afirmar quando teve origem a sua manifestação inteligente na face da Terra. Tratando-se por isso, na sua maioria, de puro animismo ou mesmo mediunismo, porém, nunca de Espiritismo.

Arrimados nas opiniões valiosas dos escritores patrícios já citados, inclusive Jorge Amado, podemos afirmar que a influência do africanismo no Brasil é tão grande e poderosa mesmo, que não há quem não a sinta palpitante em todas as

manifestações da alma nacional, mórmente nas artes, principalmente na música lânguida e sensual, tão característica da raça negra que é hoje considerada uma das colunas mestras apoiando a cúpula do edifício de nossa civilização em marcha. Na arte culinária, principalmente na Bahia que é o Estado do Brasil que apresenta a sua cozinha própria, a influência africana é poderosa! Os quitutes, as muquecas, os vatapás e muitos outros incorporados ao patrimônio nacional, dizem bem da sua origem.

O Espiritismo propriamente dito, êsse Espiritismo imune das enxertias tão do agrado dos simbolistas arrevesados, é a doutrina que desconhece raças por ser de origem espiritual, sem qualquer relação com os tabús indianos ou africanos, religiosamente preferidos por tantos «mestres» e «sacerdotes» de fancaria que, explorando a credence do povo, organizam para a sua exclusiva exaltação, *templos misteriosos e nichos sagrados*.

A simples manifestação dos espíritos nos trabalhos ditos de terreiro, não basta para que se qualifique de Espiritismo as extravagâncias que hoje, do agrado de tanta gente, servem apenas para atestar o grau de atraso espiritual do homem do século atômico no terreno religioso ou filosófico.

O Espiritismo é uma estrada aberta, ensolarada e, quem por ela caminha sabe de onde vem e para onde vai.

A Umbanda é caminho áspero, onde não há harmonia de côres e é tudo sombreado pelas matas espêssas, e, quem por êle se conduz tateará sem rumo até que, atraído pela luz possa descortinar mais amplos horizontes.

O Espiritismo é doutrina de permanente evolução, que abrange os três harmônicos aspectos: Ciência, Filosofia e Religião, excluindo de suas cogitações a questão de raça, sob o ponto de vista biológico.

Ora, Umbanda que é originária do espírito de uma raça, impregnada de ritos afro-católicos, é uma religião que estacionou à margem da evolução. Não basta que em seus rituais haja manifestação de espíritos, pois, esses, na mais remota antiguidade já acudiam as evocações dos sacerdotes das primitivas organizações religiosas.

O Espiritismo é um corpo de doutrina evolutiva, sábiamente organizado e

orientado sob a vigilante assistência dos Espíritos Reveladores. E' o Consolador prometido nas páginas do Evangelho do Cristo.

Para nós, Espiritismo sem Evange-

lho, sem o estudo sistematizado de todos os fenômenos da Natureza, físicos e psíquicos, sem a reencarnação que justifica a causa dos nossos sofrimentos, não é Espiritismo.

☉ Fenômenos de Materialização ☉

XXIX

A sessão de sábado, dia 13 de Março, iniciada por uma prece que eu proferi, tinha a assistí-la, além dos seus habituais componentes, os irmãos Luiz Mesculin Junior, de Juiz de Fora e o Dr. Clodoaldo de Magalhães Avelino e sua esposa D. Adelaide Campos Avelino, de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais.

Presidiu-a o confrade Major Ismael Pinto, que depois de declarar abertos os trabalhos, recomenda seja feito absoluto silêncio e perfeito recolhimento espiritual, para que seja ouvida a voz orientadora da Espiritualidade. David incorpora-se, fazendo oportunnissima explanação evangélica e concluindo por fazer as necessárias advertências, para que todos se portem à altura das enormes responsabilidades da singular sessão, mandando fôsse o médium recolher-se ao gabinete mediúnico.

José Grosso é o primeiro espírito a falar, por voz direta, seguindo-se-lhe Scheilla, Fidelinho e Petitinga, todos abordando pontos culminantes do Evangelho e da codificação kardéciana.

Vários companheiros são convidados a orar e a tecer ligeiros comentários sobre palpitantes assuntos doutrinários, entoando-se, de quando em vez, mimosos hinos.

Scheilla cantou o hino da Juventude «Francisco Candido Xavier».

O Fidelinho improvisou um hino que canta com internectido carinho e inexcedível graça.

O Dr. Clodoaldo profere ligeira e brilhante alocução, terminando por declarar a seguinte quadrinha, que Petitinga escrevera, em vida, em homenagem ao autor:

«Nunca te esqueças querida,
Que toda lei do Senhor,
Foi por Jesus resumida,
Numa só palavra — Amor!»

Abel Gomes, depois de nos mimos-

sear com uma notável série de conselhos práticos e necessários, recomenda sejam encerrados os trabalhos, o que foi feito depois de proferida uma prece.

* * *

Vinte e três de Março. Vinte horas, início da sessão ordinária do «André Luiz», sob a presidência da Lais. Estávamos prevenidos de que haveria festa, de vez que na véspera 22, registrára-se o vigésimo aniversário de desincarnação de David Pais dos Santos, amigo da casa. Isto traduzido, significa a contemplação de quasi 4 horas de intensas vibrações; eacanto.. graças... bençãos... deslumbramento!

No decorrer da sessão verificaram-se fenômenos de tal natureza singulares e transcendentales, que se não podem mencionar em sua fidelidade, porque seria querer penetrar o insondável, desvendar o misterioso, devassar o imponderável e descrever o impossível!

Só quem assistiu e sentiu o vigor de tais fenômenos tentaria precisá-los, porém jamais narrá-los de maneira a fazer com que os outros os sentissem com a mesma intensidade e o mesmo vigoroso sabor de verdade positiva.

Eu confesso que, o só simples facto de rememorar tais fenômenos, faz-me sentir uma vibração desconhecida, chegando mesmo a precipitarem-se-me, das pálpebras, indiscretas lágrimas, vendo-me esmagado ao pêso de una influência misteriosa e nimiamente sentimental. A emoção sacode-me todo o sêr, fazendo-me sentir infinitamente pequeno, obscuro, inferiorizado pelas minhas reconhecidas deficiências diante da magestade inconfundível da Perfeição Suprema do Senhor das Bençãos Celestes!

Quisera poder manter me na posição cômoda de mero espectador, todavia

o compromisso que assumi comigo mesmo e com os meus leitores não me permite emudecer.

Tentando descrever algo do que representavam os inefáveis acontecimentos da sessão em cita, chego a sentir trêmulos o meu pulso pela fragilidade da minha pena.

E' de lamentar não pudessem, todos os homens, ter assistido a esses factos.

Possivelmente estes, influiriam de tal modo em seu ânimo, que haveriam de mudar o curso da sua vida, para melhor, tornando-a útil, proveitosa e espiritualizada. De tal modo me reconheço insípido, inseguro e frágil para narrar tais factos, que pedi socorro a outros companheiros para que me ajudassem no delicado mister, todos achando, pela sua proverbial bondade, que a tarefa estava entregue a mãos hábeis, mal podendo eu convencer ao Dr. Clodoaldo de Magalhães Avelino, ilustre médico mineiro e ao irmão Afonso Pinto da Fonseca, que me deveriam amparar, fazendo os relatos interessantes que se seguem a esta minha pobre narrativa, por eles podendo verificar os leitores, de como é diferente, até certo ponto, o modo de ver e apreciar os fenômenos, de vários assistentes. E, o que a emoção priva de apreciar a um, não priva a outro. Por isso presumo que não é inoportuna e, até, se justifica plenamente a inserção, mais adiante, da opinião daqueles observadores, companheiros e amigos, na suposição de que virá ao encontro do agrado dos leitores.

Entrêmos, pois, no âmago do assunto.

O espírito amigo que nos orientára, incorporado, prometeu surpresas para esta sessão, adiantando que era pensamento dos guias espirituais fazerem experiências no sentido de tentar iluminar o perispírito, conforme já se verificára no Grupo Espírita «Pedro», em Macaé, Estado do Rio de Janeiro, tentativa que, consoante teremos oportunidade de verificar adiante, foi coroada de completo êxito. Com êsse intuito o espírito comunicante aconselha aos assistentes que se mantenham em permanente concentração de pensamentos sadios e elevados e que seja feita completa escuridão, pois que a predominância da luz eléctrica prejudicaria a produção de fenômenos de efeitos luminosos.

As determinações do orientador são prontamente observadas, recolhendo-se o médium á cabine.

E' entoado um hino e proferida uma fervorosa prece, depois do que aparece uma cruz luminosa, parecendo uma joia cravejada de brilhantes.

A Lais faz um comentário sobre a simbologia da cruz e, enquanto ela discorria sobre o assunto, aparece outra cruz, com as mesmas características, mas de tamanho maior do que a primeira, acrescentando que esta surgiu da entrada lateral do gabinete mediúnico, enquanto que a outra apareceu no centro do biombo, do lado interno. Ambas, entretanto, eram cintilantes e movediças. A verificação destes fenômenos deveria ser a primeira brecha aberta para a eclosão duma série abundante, intermitente e prodigiosa. De vez em quando as trevas eram interrompidas por continuados relâmpagos de luz feérica. Em todos os cantos da sala, onde se encontrava um assistente, ouviam-se constantes interjeições provocadas pelas explosões íntimas de admiração e êxtase. Isto era provocado, ora pelo maravilhoso de uma aparição, ora pelo facto de serem os circunstantes contemplados por mimosos presentes, na sua quasi totalidade constituídos de flores naturais diversas.

Um painel, com a inscrição dos nomes dos queridos espíritos de David, Scheilla e Nina, foi apreciado por todos. Do lado oposto, justamente no local ocupado pelo irmão Fonseca, aparece outro quadro com as letras fosforescentes, formando o nome *Margarida*. Em seguida forma-se uma luz esférica no lado interno da cabine, transpondo o biombo e percorrendo o recinto em todas as direcções, à altura das nossas cabeças. Jamais assistimos a fenómeno luminoso dessa monta. Apreciando-o vi-me tomado de um deslumbramento patético. Foi justamente nesse instante que surge o primeiro fenómeno de materialização singular, permitindo verificar-se a iluminação do perispírito da entidade materializada. Todo o tronco estava iluminado de uma como matéria incandescente. Dir-se-ia que as suas formas eram arquitetadas de modo a permitir um vazio interno, donde se projeta a luz que se reflete exteriormente. A entidade avança entre a assistência, distribuindo flores, as quais segura entre os membros superiores e recolhendo-se em seguida. Dois espíritos mais aparecem, nas mesmas condições, percorrendo a sala e desaparecendo entre as cortinas.

Nina Arneira, da cabine, chama as irmãs Teixeira Dias, com as quais trava uma conversação íntima, a meia voz.

As nossas companheiras saíram do gabinete mediúnico em pranto, tomadas de emoção profunda.

Externaram, quer a Lais, quer a Lenice, com visível emoção extrema, entre soluços e exclamações de enternecida ternura, as suas impressões cativantes aos demais companheiros, dizendo da luminosidade com que o espírito amigo se lhes apresentara, tendo-lhes permitido oscularem-lhe as mãos, num preito de homenagem e respeito. Nina, — adiantaram — a aconselhara-as a se dedicarem ao trabalho de instruir os jovens, encaminhando-os pela áurea senda do Evangelho de Jesus.

O José Grosso, entretém-nos com a sua palavra apreciada explicando, a meu pedido, que os espíritos que vieram ao recinto eram os de Petitinga, David e Scheilla. E' proferida uma prece por um dos assistentes. Precisamente ao término desta, volta David, o meu saudoso pai, com a mesma luminosidade da vez anterior, porém ora plenamente reconhecível, mórmente por mim, minha mãe e meus irmãos Virgílio e Madalena. Foram momentos indiscreíveis para nós. A querida entidade vem ao nosso encontro, acariciando-nos, osculando-nos, ofertando-nos flores e dirigindo-nos palavras de encorajamento repassadas de ternura. Eu perdi, quasi, a noção de mim mesmo, não conseguindo dominar a minha emoção. Nem sequer pude reprimir as lágrimas e os soluços. Sei que todos ouviram o ruído dos beijos que eu e o Virgilio recebemos da veneranda entidade.

Minha mãe ficou como que mergulhada em êxtase! Mal pôde balbuciar duas palavras. A Madalena, como sempre emotiva, teve a voz completamente embargada. Enfim, um encanto! Um quadro deslumbrante!

Estava eu a lamentar, intimamente,

a ausência da minha filha e da minha sobrinha, homónimas, quando o José Grosso nos fala outra vez. Aproveitei o ensejo para rogar-lhe que transmitisse a David, o meu pedido para que reaparecesse quando as suas netas regressassem da pequena viagem, depois de desobrigadas da tarefa de assistência externa a um doente. O José anuiu à minha súplica e garantindo-me que seria satisfeito na minha aspiração. Realmente, poucos minutos decorridos, ao regressarem as jovens, o apreciado espírito reaparece com a mesma aparência brilhante, parando em frente à assistência chamando as netas que vão ao seu encontro dando-se, com êste colóquio, um novo quadro emocionante. A minha filha teve uma explosão emocional, carpindo, copiosamente, de sensação e alegria.

Só a custo se retemperou, para orar ao Altíssimo, a agradecer-lhe as graças recebidas.

Outros fenômenos de somenos ainda se verificaram, notadamente os de explosões luminosas e os de voz direta e os da produção de suaves perfumes.

Eu já estava completamente saturado de dádivas espirituais, quando ouço uma voz amiga a recomendar fossem encerrados os trabalhos. Isto se dava no dealbar do dia que se aproximava, prometedor e alviçareiro.

Declarada finda a sessão e voltando a luz elétrica a predominar no ambiente, constatei a existência ali de pequena quantidade de flores naturais diversas, algumas espalhadas sôbre duas mesas existentes no salão e outras, avaramente se guras, como relíquias, pelas mãos dos assistentes, gesto que traduz o sentimento predominante, em todos, da idéia de sua conservação, como recordação simbólica da noite inesquecível, em que experimentei as sensações indeléveis, então jamais sentidas.

(Continua)

Amadeu Santos

Enquanto o homem manter-se alheio ás cousas e à vida do espírito, será sempre um prisioneiro, e ainda que empregue todas as fôrças da sua inteligência e do seu corpo físico jamais conseguirá ser realmente livre. Para conquistar a verdadeira liberdade, o homem precisa conseguir domínio sôbre a matéria pelo exercício das virtudes ativas. Conseguindo isto, êle se libertará das injunções da matéria e entrará, automaticamente, num dos mundos reservados aos espíritos superiores.

CAIRBAR.

quando se aumenta a energia cinética (elevação de temperatura) e muito menores com temperaturas baixas, até o zéro absoluto em que cessa, matematicamente, todo o movimento molecular e a matéria «morre». (2).

— Não há, pensamos, como desconvir: é mesmo de estuporar e flutivar *in albis* num mar de abstrações.

A NATUREZA É INTELIGENTE?

12 moléculas de carbono com 10 de oxigênio e hidrogênio formam, a seu nudo, a madeira ou a batata. Outras vezes, reunindo o carbono, o hidrogênio, o oxigênio e o azoto, originam os produtos mais diferentes, tais como o trigo-nutriente precioso e a estriquinina-tóxico letal...

Como explicar que a Natureza juntando um equivalente d'água à substância característica da madeira — a celulose, (C. 12-H. 10-0. 10) nos forneça o açúcar?

— Nossos irmãos materialistas, mecanicistas, atomistas e quejandos, poderiam dar-nos já não diremos uma noção concreta do átomo — que agora é «pinto» diante da desintegração molecular — mas dos seus componentes próton, electrão, etc.?

COMO SE FAZ A HISTÓRIA

Catão, o célebre censor romano e autor do «delenda Cartago», apesar de toda a austeridade que se lhe atribui, comprava escravos magros para engordar e revender com lucro, era autor de uma beberagem destinada aos mesmos e que se compunha de vinagre, água doce e água do mar, corrompida. Também instituiu uma taxa para os favores de suas escravas. (3).

PARA O ALBUM DO CONFRADE X

O pensamento está para a forma como o perfume para a flôr. Fecunda esta, evola-se a quele, mas permanecem ambos em função de eternidade. Seja, pois, este lampejo de lúrida mentalidade terrena, um éco e penhor de comunhão *ad vitam aeternam*.

M. QUINTÃO.

(1) *Flammarion* — «Deus na Natureza».

(2) *Fred. Wachsmann* — «Pela vitória do Espírito» — pag. 146.

(3) *Cesar Cantu* — Vol. V — pag. 53, 54, 56.

Merás Coíncidências...

OSCAR
NILSSON



OS Estados Unidos da América existem causídicos que se prevalecem, muitas vezes, de pequenos detalhes para provocar ações judiciais, isto, naturalmente, para que eles possam tirar as vantagens pecuniárias correspondentes.

Devido a tais circunstâncias, são necessárias grandes precauções para que não apareçam oportunidades que sejam aproveitáveis para verdadeiras chantagens.

Entre tais precauções figura a que as empresas produtoras de filmes cinematográficos adotaram, há tempos, de fazer observações quanto

a serem fictícios os personagens que aparecem em certas fitas, especialmente, nas escandalosas, originando-se disso os dizeres, hoje em dia mais ou menos generalizados e até famosos, de que «qualquer semelhança é méra coincidência».

O que vou, a seguir, expôr não é «méra coincidência» e sim a verdade e como, segundo o Mestre, a verdade nos libertará da ignorância, prefiro ficar com a verdade e deixar a coincidência de lado.

Em data de 18 de Outubro de 1947, numa sessão, realizada das 17 às 19 horas, após haver dado comunicação o meu filho Osny (assassinado em São Paulo a 15 de Agosto de

1947) manifestou-se uma irmã que fizera parte do grupo, quando incarnada. Em seguida, manifestou-se o que fôra companheiro da referida irmã, que havia sido médico quando na matéria.

Interpelado, pelo Guia do Grupo, o casal (manifestado em dois médiuns) sôbre a adoção de Osny como filho no Espaço, aquiesceu o mesmo.

No decorrer da semana seguinte, isto é, de 20 a 25 de Outubro, recebi o N.º 9 do Ano XXIII da «Revista Internacional do Espiritismo» contendo sob «Crônica Estrangeira» — «O meu filho não morreu» — em que o Snr. Frederico Duarte, residente em Manchester, Inglaterra, relatando factos referentes a seu filho Gabriel, menciona que, segundo comunicação do mesmo, fôra êle adotado como filho por Cairbar Schutel.

Na sessão, realizada no dia 25 de Outubro, li a crônica, acima mencionada, chamando a atenção para a semelhança dos casos.

Em data de 6 de Dezembro, pela manhã, um confrade e amigo entregou-me uma carta de 22 de Novembro, endereçada pelo Snr. Frederico Duarte, de Manchester, ao seu irmão Raul Duarte, em São Paulo, afim de que eu lesse as referências a alguns assuntos psíquicos em tal missiva. Pondo a carta no bolso, prometi devolvê-la no dia seguinte.

Realizando-se, na tarde do mesmo dia, uma sessão, manifestou-se durante a mesma, em primeiro lugar o meu filho Osny e, a seguir, o Irmão Cairbar Schutel (por intermédio de uma senhora que foi por êle iniciada na doutrina espírita em Matão e isto quando incarnado) a quem tive ocasião de citar o facto da carta, não dando contudo para entrar em muitos detalhes, pela necessidade de atender outra entidade (bastante perturbada) que estava se manifestando por outro médium. De qualquer maneira, o Irmão Cairbar mencionou que estava olhando pelo meu filho Osny e que o trouxera, juntamente com outros.

Os dois factos mencionados vêm confirmar o que foi amplamente relatado, em vários trabalhos mediúnicos, sôbre a adoção de Espíritos no

Além por outros já mais em condições. Exemplos típicos são os de Raymond e de André Luiz, com relação aos quais vou, a seguir, resumir o que consta das obras em que figuram as referências.

Raymond, segundo é bem conhecido, era filho de Sir Oliver Lodge, que escreveu, não só a sua biografia, como também sôbre todas as evidências que deu, após a sua desincarnação, tendo sido tudo isso publicado em uma obra «Raymond», que existe traduzida para o português por Monteiro Lobato, sob igual título.

Na primeira ocasião em que Raymond conseguiu transmitir informações a Sir Oliver, transmitiu êle, entre outras, a passagem que segue, segundo figura no livro:

«Tenho encontrado centenas de amigos. Não os conheço a todos. Tenho encontrado muitos que me dizem isto e que mais tarde me explicarão por que estão me ajudando. Tenho dois pais agora, mas não é como se houvesse perdido um e ganho outro. Tenho-os a ambos. O meu velho pai e outro, um pai *pro-tem* (mais tarde «Myers» declarou que o havia «adotado»).

Raymond, em suas primeiras comunicações, acentuou o facto de ter sido grandemente assistido, com especialidade por amigos de seu pai. O mesmo acentuou meu filho Osny, em uma de suas primeiras comunicações, isto é, da assistência que estava recebendo, no Além, por parte das falanges de Espíritos do Bem que, habitualmente, nos assistem em nossos trabalhos práticos.

Aquí quero deixar acentuado que, segundo Conan Doyle, em «A Nova Revelação», se não existissem outros livros além dos cinco que êle mencionou e onde figurou, em primeiro lugar «Raymond», os cinco livros em questão bastariam para convencer dos factos espíritas qualquer investigador imparcial.

Nas mesmas condições que Conan Doyle, o Rev. Haraldur Nielsson (com quem não me consta ter eu tido qualquer parentesco material), professor de teologia na Universidade de Reykjarik, na Islandia, escreveu em «Minhas Ex-

periências Espíritas», segundo a tradução de nosso confrade Dr. Francisco Klörs Werneck, o que segue:

«Quando o vulgo percebeu que os mestres das ciências tinham chegado a resultados idênticos aos dos espíritas e que revelaram a nova ciência em obras facilmente compreensíveis, as fileiras dos espíritas começaram a engrossar. Citarei, apenas, um livro que, sob êsse ponto de vista, tem feito prodígios. Trata-se do livro de Sir Oliver Lodge «Raymond or Lyfe and death» (Raymond ou a vida e a morte).»

Quanto a André Luiz, contou êle, em «Nosso Lar», como foi acolhido

no lar da Irmã Laura, mãe de Lísias, a qual, como Lísias prometera a Cláudio, o tratou como filho, uma vez que André Luiz não poderia ficar em companhia de sua própria progenitora, por já se encontrar esta em planos muito mais elevados.

Da permanência de André Luiz no referido lar, figuram os detalhes nos Capítulos XVII a XXV, de «Nosso Lar», em que existem descrições da casa, dos moveis (quase idênticos aos terrestres), de livros, de alimentos (caldo, frutas perfumadas, etc.) do «bonus-hora», de flores, de mensagens transmitidas através de aparelhos receptores, etc.

A Luz mais brilhante do século das Luzes

(Irradiado na grande solenidade da Festa do Livro Espírita)

I

Quem estuda a sério e a fundo o Espiritismo, verá, para logo, que, no século das luzes em que vivemos, é ele a luz mais brilhante.

E' a mais brilhante luz, porque seus raios se projetam com característica diferentes.

Com características que envolvem tudo o que ha de grande, expressivo e divino, porque o Espiritismo é, na verdade, completo e complexo.

II

Brilha como ciência, que é a *Ciência da Imortalidade*.

Ciência tão complexa e expressiva que seus fenômenos, os mais singelos, porque agitados, ordinariamente, por espíritos imperfeitos — os fenômenos tangíveis e materiais — levaram os grandes sábios da terra a criarem uma nova ciência: a Metapsíquica!

III

Cintila como Filosofia, a Filosofia do Espírito.

Filosofia científica, objetiva e experimental, a única que explica, com as leis divinas e misericordiosas da reencarnação, a Vida, com as suas desigualdades flagrantes!

IV

Ilumina como religião, a RELIGIÃO por excelência.

Religião integral, porque está religando sempre a criatura a seu Criador, a obra prima da criação, a seu Supremo Artista, o filho a seu Pai, a imagem e semelhança de Deus ao Excelso Original. Todas as religiões ensinam que somos a imagem e semelhança de Deus, que Deus é nosso Criador e Pai, que o homem é a obra prima da criação. Ora, fazer remontar o filho ao Pai, a imagem e semelhança ao Original, a criatura ao seu Criador, é a obra da religião. Obra que as religiões cheias de penas eternas, de infernos e demônios eternos não podem colimar. O Espiritismo, fechando o inferno, invalidando satanaz, matando a morte, destruindo as penas eternas, religa sempre.

E', portanto, a Religião por excelência.

V

Fulgura como o próprio Cristianismo.

E' a mesma Doutrina que o Cristo pregou e exemplificou.

E que prometera no-lo enviaria a seu tempo, feito o Consolador, o Espírito de verdade, o Paracleto, para ficar eternamente conosco, a predizer as coisas que hão de vir, a falar eternamente do

Cristo, a repor todas as coisas nos seus lugares.

VI

Expurga-se como moral. A Moral perfeitíssima, porque a mais exigente. Por isso mesmo que ensina é o maior inimigo do Espiritismo aquêle que ensina a sua moral e não a pratica.

VII

Explende como a verdadeira sociologia cristã.

A sociedade que ensina cada um responder por seus próprios atos, por aquilo que fez e deixou de fazer a benefício do semelhante, pois só devemos fazer aos outros aquilo que gostaríamos os outros nos fizessem a nós. Por isso é que os espíritas, levados pelas leis do coração, apenas, vão realizando, por aí afóra, a despeito de sua minoria e da parcidade de seus recursos, toda sorte de obras de assistência social.

VIII

Fulge como medicina. A verdadeira Medicina do Espírito, sem deixar de o ser, também, do corpo. Por isso mesmo, os espíritas vão pondo as mãos sôbre os doentes e os curando, expelindo demônios, ressuscitando mortos morais e limpando lázaros da alma. E, quanto mais se aprimorarem no espírito de renúncia, sacrifício, abnegação, tolerância e fraternidade, maiores prodígios de curas realizarão, chegando a ressuscitar mortos de corpos e lázaros da carne.

Ninguém, a estas alturas, ignora que o Espiritismo cura, desconhece pessoas curadas pelo Espiritismo.

E são, até, suas curas elementos de propaganda de sua doutrina.

IX

Esclarece como pedagogia.

E' a legítima Pedagogia Cristã, como a maior obra de educação cristã que já houve.

Pedagogia que reeduca, por excelência.

E basta, a despeito de nossas imperfeições, que são, ainda, imensas e do pequeno interesse que ainda temos pelo estudo metódico da Doutrina, o esforço que os espíritas envidam pela sua trans-

formação moral, embora sem medo de diabos e infernos que não existem para nós, e sem pretensões a céus teológicos, em que não cremos; basta ver o interesse que, por toda parte os meios espíritas revelam na criação de escolas e lares cristãos, de formação do carácter e espírito da mocidade, através de *mocidades* e *juventudes espíritas* por aí alhures para sentir-se seu espírito educativo.

X

Irradia-se como arte.

A arte Espiritualista, educativa e cristã.

Arte de procurar Deus, e encontrá-lo, sem cilícios e monasticismos, sem fugir da Vida e sem amaldiçoar a carne, mas dando ao mundo e á carne aquilo que, honestamente, a carne e o mundo exigem de todos nós. A arte de viver alegremente, a fazer o bem por amor do Bem. A arte objetiva inspiradora de artes menores — teatro e poesia, cinema, canto, música e romance principalmente — que agradam tanto, que a toda gente satisfazem.

XI

Afirma-se como escola.

A Escola mais completa que já houve, porque um verdadeiro sistema educativo que excede de muito a todos os sistemas que já existiram, com a patrística e a monástica, a escolástica e a reforma inclusive.

Uma escola de aperfeiçoamento moral, espiritual e material.

Escola de alegrias vivas, de crer e de viver; de trabalho redentor de ação construtiva e realizações edificantes; de solidariedades cristãs e tolerâncias redentoras; de liberdade metodizadas e respeito a todas as leis.

Escola que, se já não reformou uma grande percentagem da humanidade, a culpa não é sua, mas dos alunos, que lhe chegam de velhas escolas do passado de processos caducos.

Donde, a necessidade de enviar, de pequeninos, as crianças para ela.

Daí, a necessidade de criar-se escolas para os moços e as crianças por toda parte, como pequenas escolas dentro da Grande Escola.

XII

E brilha, e fulgura, esplende, radiosamente, como caridade.

A Caridade cristã por excelência.

Por isso é que seu «FÓRA DA CARIDADE NÃO HA SALVAÇÃO» não encontra similar em nenhuma outra doutrina religiosa, filosófica ou científica.

E é este o aspecto mais importante da Doutrina.

Aquele aspecto que o próprio codificador fez questão de guindá-lo muito alto e em mais destaque.

Dí-lo êle próprio: «A bandeira que arvoramos bem alto é a do Espiritismo cristão e humanitário, etc.»

O Espiritismo, por ser tudo isto — e, se vós, leitor ou ouvinte amigo ainda não o conheceis, se o estudardes, vereis que assim é, efetivamente — por ser tudo isto que aí está, e alguma coisa mais que nos escapa, é, efetivamente, a luz mais brilhante de nosso século das luzes, a maravilha mais extraordinária da nossa época de maravilhas!

Leopoldo Machado.

¶ Dialética do Espírito ¶

Rita Ratisbona de Ruão
Rabelo

(Licenciada em Filosofia e
Prof.^a do Ensino Secundário)

DIALÉTICA é a CIÊNCIA que ensina o homem a conhecer os tempos e os lugares dos acontecimentos naturais e os processos de produção desses acontecimentos.

E' o tratado das leis gerais do movimento dialético nos corpos inorgânicos, orgânicos e organizados. Difere da Mecânica, porque esta estuda o *movimento circular*, como por exemplo, o da terra em volta do sol, enquanto que o movimento dialético é um movimento espiralado, como, por exemplo, o figurado pela terra rodando ao tórno do sol e dirigindo-se para a constelação de Hércules.

Os versículos 1 a 8 do cap. III do Ecclesiastes dizem que tudo tem seu tempo e Jesus, em Lucas, ensina que cada coisa tem o seu lugar.

As linhas gerais da Dialética foram elaboradas por Heráclito de Efeso no IV século antes do Cristo. Eis algumas de suas sentenças: «Nada permanece fixo.» «A unidade real e viva é a que resulta da concordância dos contrários». -- «A única realidade é a passagem do ser a não ser e vice-versa, isto é — o *devenir*.» «Não apreciamos o valor sem o perigo, a saúde sem a enfermidade, o prazer sem a dor, a beatitude do descanso sem o esforço do trabalho». — «Tudo está em fluxo perpétuo». — «O Mundo não é obra dos deuses nem dos homens: existiu sempre e existirá sempre». — «Tudo se forma do Uno e o Uno de tudo...»

Dir-se-ia que esta última sentença

foi a inspiradora da «Grande Síntese» de Pietro Ubaldi...

Quem, porém, sistematizou a Dialética foi o filósofo espiritualista alemão George Wilhelm Frederich Hegel. Hegel teve o mérito de mostrar que o mundo histórico, material e espiritual está em contínuo movimento, em permanente mudança, em constante transformação e desenvolvimento. A Dialética de Hegel considera a natureza como um TODO relacionado em perfeita interação.

Hegel provou que cada UNIDADE (pessoa, animal, fenômeno, coisa, etc.) possui duas componentes chamadas *contradições* ou *partes contraditórias*; que estas partes estão em eterna luta, luta invisível, mas de efeitos perceptíveis. Para compreender a suposição hegeliana, imagine-se a eletricidade. A eletricidade é constituída da *contradição negativa* e da *contradição positiva*. Da luta de ambas, resulta o relâmpago, a luz, o calor. A luta das *contradições internas* existe em tudo—desde a eletricidade até a religião, a história, a guerra, a filosofia. Cada unidade é uma unidade de contrários, isto é—possúe negativo e positivo. Os videntes vêem o corpo astral do homem constituído de duas partes — uma positiva, amarela, outra negativa, azul. Cada célula, cada molécula, cada átomo é uma unidade de contrários: tem polo positivo e polo negativo. Isto quer dizer que tudo obedece à *lei da polaridade*.

Os contrários (polos opostos) sofrem a influência ininterrupta de uma força,

que os marxistas, adotando a nomenclatura de Hegel, chamam «fôrça dialética», fôrça invencível, irresistível, diante da qual nada se mantém firme na natureza. Esta fôrça é o Deus da filosofia de Spinoza e Pietro Ubaldi, de Bozzano e de Léon Dénis. A concepção de Deus de Kardec pouco difere da concepção bíblica.

A Dialética tem suas leis. Estas leis são: a) lei da polaridade ou da constituição contraditória da unidade; b) lei da totalidade; c) lei da evolução ou do devir; d) lei da contradição; e) lei da transformação qualitativa; f) lei da unidade dos contrários.

A lei da totalidade afirma: «Nada deve ser encarado isoladamente, porque cada coisa está enquadrada na totalidade de que faz parte, as partes dependem do conjunto e o conjunto depende das partes».

A lei do *devir* ensina: «Nenhum elemento é eterno ou imóvel, porque tudo está em transformação, em movimento sem fim, mudando todos os dias».

A lei da contradição assevera: «Cada coisa, para tornar-se inteligível, deve passar por sua contrária». Esta lei tem ainda os seguintes nomes: lei da negação da negação; lei da formação do novo com o auxílio do antigo, lei do desenvolvimento através das contradições». Para bem compreender esta lei é preciso lembrar-se que o *conceito dialético é formado de três termos antitéticos, isto é, por uma tríade*: a tese, a antítese e a síntese. No conceito de árvore, por exemplo, o dialético vê a tese na semente, a antítese na planta e a síntese no fruto. No conceito de homem, o dialético vê a tese no ovo, a antítese na criança e a síntese no homem no acmé de seu desenvolvimento físico e mental. *Entre* a tese e a antítese há uma diferenciação (transformação da semente em planta) chamada *primeira negação*; *entre* a antítese e a síntese, há outra diferenciação (transformação da planta em fruto) chamada *segunda negação*. Insisto nesta nomenclatura: do contrário não poderão entender completamente a Dialética. Coisa curiosa, a segunda negação, sequência da primeira, tem por fim apresentar a síntese (fruto) como coisa diferente de ambas. É por isto que os marxistas, que são materialistas dialéticos, dão à lei da contradição o nome de princípio da negação da negação. A síntese, fruto, contém em si a semente e a plan-

ta, isto é a tese e a antítese. Hegel chamava a isto transformação do negativo em positivo.

A lei da transformação qualificativa significa que o aumento de uma ou várias coisas tem como resultado uma transformação na qualidade, das propriedades desta ou destas coisas e, reciprocamente, que a transformação qualitativa tem como consequência uma transformação quantitativa. A elevação da temperatura da água para produzir vapor ou, ao contrário, o abaixamento da temperatura da água para produzir gelo são exemplos corriqueiros da verdade da lei da transformação qualitativa. Esta lei encontra inúmeros exemplos na física e na química. Na física, podem observar que por simples aumento do número de vibrações é possível deparar com o som, o calor, a eletricidade, a luz, etc. Na química, o simples aumento de CH_2 , uma ou mais vezes, ao gaz dos pântanos, forma corpos diferentes como a etana, a butana, a propana, a hexana, etc.

A lei da unidade dos contrários, ainda chamada lei da penetração dos opostos, afirma a identidade entre um contexto particular e outro universal. Se eu digo: «O gato é um animal doméstico», afirmo uma identidade entre o particular *gato* e o universal *doméstico*. É uma lei de Dialética e não um princípio de Lógica Formal. Na Lógica, poderia dizer: O gato é um gato, a mesa é a mesa, o cavalo é o cavalo. Na Lógica, as relações são estáticas; na Dialética são dinâmicas.

Como disse no princípio, a Dialética ensina que tudo tem seu tempo e seu lugar. Aplicando à Dialética as próprias leis da Dialética podem ver que esta ciência, como tudo na natureza, tende a evoluir, a enriquecer-se de leis novas. Em 1927, o prof. Flies de Berlim descobriu as leis da atividade física e em 1929 Teltscher a lei da atividade intelectual do homem, as quais, na minha opinião, não são leis fisiológicas, mas leis dialéticas. É verdade que Flies as considerou como leis circulares, isto é — do domínio da mecânica. As aplicações que venho fazendo delas aos alunos do ensino secundário são de molde a convencer-me de que são leis dialéticas.

Graças a estas leis, pode conhecer-se de antemão os dias de vigor e depressão física do homem assim como os dias de ascensão e retrocesso intelectual do

mesmo. Quando êstes conhecimentos estiverem bem generalizados certamente não há-de ver-se o absurdo que atualmente se pratica: o de mandar á ginástica alunos em depressão física e o de submeter-se a provas de exames alunos em retrocesso intelectual.

Praza a Deus que o novo conhecimento tenha logo a aplicação que merece. Os espíritas, que são antes de tudo elementos progressistas muito podem fazer em prol da difusão do ensino da Dialética, mórmente desta parte nova que recebeu o nome de Biorítmica e que se acha bem compendiada num livro já tra-

duzido do espanhol — «O Biorítmo» de Krumm Heller. Esta obra me prestou um auxílio extraordinário. Nela encontrei a explicação dos meus fracassos e dos meus êxitos intelectuais, dos meus dias de extrema moleza e de extrema exuberância física. Pelo biorítmo, tenho predito até a hora da morte dos enfêrmos e o fiasco de oradores incautos e de declamadoras imprudentes. Cada dia que se passa, o conhecimento das leis universais mais ajuda o homem e é sómente dêste conhecimento que a espécie humana obterá a carta de alforria que a tornará feliz, poderosa e precavida.

! O Curso Verbal !

De Agostinho

O discípulo do Senhor não é chamado tão sómente ao curso verbal.

Aprendizado e aplicação constituem a realização.

Não te prendas, dêsse modo, á indagação que perde o valor do tempo.

Pensa e age no padrão de idealismo redentor que abraçaste.

As sementes divinas devem frutificar em nossos próprios caminhos, através do esforço perseverante.

Na fase evolutiva que nos é própria, vemos aqueles que possuem a vida e os que são possuídos por ela.

Os primeiros aproveitam o dia, enriquecendo-se de valores permanentes, no rumo das aquisições eternas. Os segundos são aproveitados pelas fôrças que orientam as horas, no jôgo das circunstâncias fatais.

Uns criam luz e sabedoria.

Outros descançam e sofrem os conflitos da sombra.

Governando com as diretrizes superiores, convertem-se na instrumentalidade dos Celestes Desígnios. Submetendo-se ás causas de ordem inferior, perseguem a ociosidade, ainda mesmo quando o regalo inútil se lhes apresenta aos olhos mortais com rotulagem fascinante.

Necessário, pois, marcharmos, com desassombro e serenidade, dilatando a capacidade receptiva, á frente.

O fenômeno nos círculos físicos e espirituais não tem outro objetivo senão acordar a mente para a revelação do mais alto.

Provar a divindade em nós — herdeiros da Glória Universal — é muito mais que positivar a sobrevivência, além da morte.

Guardar a bondade e o entendimento na direção do Amor Supremo vale mais que o poder de demonstrar a existência dos anjos.

O Reino do Senhor começará no indivíduo ou jamais se estabelecerá na Terra, porque Deus visita o homem e educa-o através do próprio homem.

O processo de auto-aprimoramento, na sublimação do raciocínio e do sentimento transforma-nos em servos da Lei Soberana e Compassiva, constituindo, em nossa esfera de edificações presentes, o ministério maior.

Espiritualizemo-nos, portanto, meu amigo, no caminho da perfeição e prossigamos com Jesus.

Não importa a incompreensão.

Cada criatura vê o horizonte que os próprios olhos podem abranger.

Quem ama não discute.

Serve em silêncio, semeia o bem à distância da preocupação de recompensa e segue adiante.

O trabalho cristão é a nossa avançada renovadora.

Busquemos a ciência, realizando a santidade.

Os dias escoam-se apressados.

As fórmãs refundem-se, incessantemente.

A morte que modifica e seleciona, pune e corrige, atinge os próprios mundos.

Defendo o Tesouro do Conhecimento Divino, elevemos nosso coração aos santuários eternos.

Responsáveis pelas dívidas que criamos no passado, com a falsa aplicação das bençãos recebidas, somos também candidatos à riqueza imperecível do futuro. Situados entre os séculos que se foram e os milênios que virão, temos um diamante sublime a lapidar para o Supremo Senhor — nosso próprio coração, que dorme ainda no berço de aspirações

primárias, bafejado pelos raios de luzes celestes.

Aperfeiçoemos o caminho, aperfeiçoando-nos.

Trabalha e ajuda sempre, ajudando a ti mesmo.

Unamo-nos espiritualmente, em derredor do Cristo. Gravitemos, felizes, em torno d'Ele.

O Sol comunica-se com o verme, a milhões de quilómetros. O Mestre sustentar-nos-á, igualmente, nas profundezas de nossa humildade, abençoando-nos os propósitos de ascensão, com a luz do seu inextinguível amôr.

Cop. por J. B. C. (Oblida por Francisco Candido Xavier, em Leopoldina).

☪ O Sentimento Estético — nos Animais ☪

Muito se tem presumido que o sentimento do belo seja apanágio da espécie humana. Entretanto, sabemos que as aves femininas são muitos atraídas pela beleza de plumagem dos machos, tanto quanto por seu canto melodioso. Nem poderíamos duvidar sejam, uns tanto sons musicais, compreendidos por muitos animais. Romanes viu um galgo acompanhar certa canção com latidos brandos. O cão do professor J. Delboef acompanhava regularmente com a voz, um contralto na ária da *Favorita*.

O asseio é modalidade da estésia e nós podemos assinalá-la nas aves que limpam o ninho, nos gatos que fazem sua *toilette* com minúcias, e, principalmente nos macacos.

Espectaculo curioso — diz Cuvier — o das macacas a conduzirem as crias ao banho, lavá-las apesar dos seus gritos, enxugá-las e secá-las, dispensando-lhes na limpeza tempo e cuidado que, em muitos casos, nossas crianças poderiam invejar.

Mas, onde o sentimento do belo e do confortável atinge o mais alto grau é, certamente, nas aves jardineiras da Nova-Guiné. Estes passáros, da família dos paradisias, não se contentam com um simples ninho, pois constróem fóra da mo-

radia ordinária verdadeiras casas de recreio, que se tornam atestados de bom-gosto. Tais construções, reservadas aos adultos, que a elas vão por entregar-se a brincos e deleites amorosos, apresentam grande variedade ornamental e os paradisias gozam, realmente, o luxo de que se rodeiam. Cabanas há que atingem dimensões consideráveis. Têm o formato de quiósques com passadiços cobertos. Há uma espécie que constróe a casinhola colorida de frutos e conchinhas. As mais apuradas requintam em dar a essas mansões de prazer um luxo ainda maior, selecionando as conchas, preferindo pedras rútilas, penas de papagaio, retalhos de pano, tudo, enfim, que encontrem de mais vistoso. O pavimento é feito de varinhas entrelaçadas. Contudo, não haja vacilação em conceder supremacia à *Amblyornis inornata*, cujas construções valem por verdadeiras maravilhas, cercadas de um jardim artificial, feito com musgo disposto em tabuleiros e decorado com muita arte com flôres constantemente renovadas, bem como frutos de matizes fortes, seixos e conchas brilhantes, etc.

(Do livro «A Evolução Anímica», de Gabriel Delanne).

Crônica Estrangeira

Figuras do Espiritualismo Mundial

AXEL MUNTHE

Extraído de «Revista de Metapsicologia»

Noticiaram os jornais, de 12 de Fevereiro, o falecimento, em Estocolme, do Dr. Axel Munthe, com noventa e um anos de idade.

O Espírito de eleição de Axel Munthe regressou ao Além. Munthe foi um grande médico e um mestre de generosidade e ternura, um apóstolo da fraternidade humana.

O seu «Livro de San Michel», acreceu-lhe a celebridade que já conquistára como médico.

Ao contrário de médicos que ainda hoje teimam em não abandonar as teorias de Charcot, Axel Munthe afirma que quasi todas as teorias de Charcot relativas ao hipnotismo são erróneas: «O hipnotismo não é, como êle disse, uma nevrose introduzida artificialmente, que se encontra apenas no histerismo, nos hipersensíveis, nos de mente débil e nos desequilibrados. A verdade é o contrário disso».

Aludindo ao fluído magnético que irradiava das suas mãos e com o qual aliviou tanto e tanto sofrimento, escreve Munthe:

«O que me foi dado fazer a muitos dos nossos soldados moribundos durante a última guerra (1914-18), é suficiente para dar graças a Deus por me haver posto nas mãos tão poderosa arma. No outôno de 1915 passei dois dias e duas noites inolvidáveis entre uns duzentos soldados moribundos, cobertos com capotes ensanguentados, agrupados no pavimento da igreja de uma aldeia de França...

«Que misteriosa fôrça era aquela que quasi parecia emanar de minha mão? Onde vinha? Procedia da corrente da consciência que circulava em mim sob a minha vida exterior, ou consistia, no fundo, no fluído magnético dos antigos mesmerianos?...

«A palavra «sugestão» tal como foi usada pelos seus principais promotores, isto é, pela escola de Nancy, só no nome se diferencia daquela fôrça odílica de

Mesmer posta atualmente em ridículo. Admitamos que o milagre não o conseguiu o operador, mas o mental subconsciente do indivíduo. Mas, como explicar o êxito de um operador e o fracasso de outro?

«Porque razão a sugestão de um cái como uma voz de mando na profundidade da mente de um indivíduo, pondo em ação as suas forças latentes, ao passo que a mesma sugestão feita por outro é interceptada pela consciência do indivíduo e não produz nenhum resultado?...»

Axel Munthe dispunha de potente fluído magnético. Todos os guardas do Jardim Zoológico e da *Ménagerie Peson* o sabiam.

Era uma especialidade sua adormecer as serpentes e os lagartos, tartarugas, papagaios, corujas, ursos e grandes felinos. Uma vez abriu um abcesso e extraiu uma lasquita de madeira da pata de Leônia, a magnífica leôa da *Ménagerie Peson*.

Um sonho premonitório

Uma vez, mal adormeceu, o Dr. Axel Munthe sonhou que se encontrava numa planície solitária, juncada de escombros, de enormes blocos e fragmentos de mármore, meio ocultos, entre a hera, o rosmaninho, a madre-silva, as estevas e o tomilho. Sôbre um muro em ruínas estava sentado um velho pastor tocando flauta ao seu rebanho de cabras. O rosto duro e barbudo estava queimado pelo sol e o vento; os olhos ardiam como brasas sob as espessas sobranceiras; e o corpo magro e emaciado tremia de febre debaixo da longa capa azul de pastor calabrés. Munthe ofereceu-lhe tabaco e o pastor deu-lhe um pedaço de queijo fresco de cabra e uma cebola. Munthe mal o percebia; desconhecia aquêlê lugar do qual não sabia o nome, como ignorava donde fôsse o pastor. Perguntou-lhe onde dormia.

Com o comprido cajado, o pastor indicou uma escada debaixo de uma abóbada desabada. Munthe desceu, ás apalpadelas, as escadas talhadas na rocha e encontrou-se numa sala escura e abobadada. A um canto via-se uma enxerga com duas peles de carneiro a servirem de mantas. Nas paredes e no tecto penduras

de cebolas e de résteas de alhos e tomates secos; uma bilha de barro cheia de água em cima da mesa grosseira. Era esta a casa do pastor e estes os seus bens. Na frente de Munthe abria-se uma escura passagem subterrânea, meio obstruída pelas pedras caídas do tecto arruinado. Aonde iria ter?

O pastor não sabia. Quando era pequeno tinham-lhe dito que por ali se ia ter a uma caverna habitada por um Gênio mau, havia milhares de anos, sob a forma de lobishomeim que devoraria quem dali se aproximasse.

Munthe, sempre em sonho, acendeu uma tocha e caminhou tacteando as escadas de mármore. A passagem alargava pouco a pouco; um sopro de ar frio gelou-lhe o rosto. Ouvia um gemido estranho que lhe arrefeceu o sangue nas veias. Bruscamente, achou-se numa sala imensa. Duas grandes colunas de mármore de África sustentavam ainda uma parte da abóbada; duas outras estavam deitadas no chão de mosaico, arrancadas dos socos pelo tremor de terra. Centenas de grandes morcegos pendiam das paredes em enormes cachos negros; outros revoloteavam à roda da cabeça de Munthe, fugindo espavoridos, cegos pela luz súbita da tocha. Ao centro da sala estava agachada uma grande esfinge que o fixava com os seus olhos de pedra muito abertos.

Amanhecia quando o sonho desapareceu.

De regresso ao seu iate, Munthe mandou içar as velas e navegou para a aventura mais estranha da sua vida. Na noite seguinte o iate ancorou numa enseada solitária, conhecida apenas de alguns pescadores e contrabandistas... Aquela costa era perigosa, sem um fundeadouro seguro no espaço de umas cem milhas.

Três dias depois, o Dr. Axel Munthe encontrava-se na solitária planície do seu sonho, juncada de escombros, de enormes blocos e fragmentos meio ocultos entre a hera, o rosmaninho, a madre-silva, a esteva e o tomilho. Sôbre um muro em ruínas estava sentado um velho pastor tocando flauta ao seu rebanho de cabras. Munthe ofereceu-lhe tabaco, e o pastor deu-lhe um pedaço de queijo de cabra e uma cebola. Disse-lhe que tinha perdido o caminho e perguntou-lhe se podia ali passar a noite. O pastor conduziu-o ao seu alojamento subterrâneo que Munthe tão bem conhecia pelo seu sonho. Esten-

deu-se nas peles de carneiro e adormeceu.

O Dr. Axel Munthe conclúe assim:

«Tudo o que sucedeu é demasiado estranho e fantástico para ser traduzido em palavras escritas; de resto, nem me acreditariéis, se intentasse fazê-lo. Eu próprio mal sei onde acaba o sonho e onde começa a realidade. Quem dirigiu o meu barco para esta oculta e solitária enseada? Quem me conduziu através daquêle deserto sem trilho para as ruínas ignoradas da casa de Nero? O pastor era de carne e osso, ou seria o próprio Pan (1) que voltára ao seu lugar favorito para tocar a flauta ao rebanho de cabras?

«Não mo pergunteis, que não posso nem me atrevo a responder-vos. Podeis interrogar a grande esfinge de granito agachada no parapeito da capela de S. Michele. Mas em vão. A esfinge guarda o seu segredo há cinco mil anos. Guardará também o meu.

Encontro de Munthe com Frederic Myers

Em Janeiro de 1901, Axel Munthe, que então tinha consultório em Roma, foi chamado, com urgência, ao Hotel Costanzi para conferenciar com um colega, médico assistente de um hóspede perigosamente doente. Munthe ficou surpreendido ao reconhecer no doente Frederic Myers, autor do livro «A Personalidade Humana e a sua sobrevivência depois da morte». Myers recordou-lhe o último encontro que tivera com êle, Munthe, em Londres, na Sociedade de Investigações Psíquicas, onde jantaram, e como haviam passado a noite inteira a falar da morte e da eternidade.

O estado de Myers era desesperado. A' pergunta que Myers lhe fez acerca da sua morte próxima, Munthe respondeu que seria naquêle mesmo dia, ao que Myers retorquiu: «Sinto-me feliz. Estou preparado, sem nenhum receio. Vou, enfim, saber...»

Axel Munthe debruçando-se sôbre o moribundo perguntou-lhe se sofria...

— Não, murmurou, sinto-me muito abatido e muito feliz.

Foram estas as últimas palavras de Myers.

(1) Divindade mitológica, que representava a natureza personificada.

* * *

• Indo residir para Capri (Itália), Munthe adquiriu as ruínas de uma vivenda dos imperadores romanos, onde reconstruiu a torre de Tibério com os 777 degraus.

• Foi alí que escreveu a sua obra-prima «O Livro de San Michele», universalmente conhecido, traduzido em quasi todas as línguas do mundo.

Tendo cegado, em 1934 foi operado por um especialista de Zurique e recuperou a vista.

Entre outras produções, o Dr. Axel Munthe escreveu o livro «*Memories and vagaries*» que em português teve o título de «Homens e bichos». E' aí, nêsse livro, que Munthe narra, pormenorizadamente, um caso de «intervenção fantasmática» que levou um senhorio usurário dos pobres, a modificar inteiramente a sua attitude de explorar os desgraçados.

O Dr. Axel Munthe foi um amigo e protector dos animais e um defensor magnânimo de todos os pobres.

DESENCARNOU JOSÉ LHOMME

Deixou-nos êste grande pioneiro que, durante numerosos anos, consagrou todo seu tempo e energia à propaganda da Causa Espírita.

Com sua passagem, o Espiritismo internacional perde uma de suas mais belas e nobres figuras.

A obra importante de JOSÉ LHOMME será para as futuras gerações o testemunho imperecível do que póde realizar um homem, animado de vontade tenaz e fé inquebrantável.

O confrade J. LHOMME, com seus sessenta anos, sendo trinta de atividades espíritas, foi forçado, por imposição de saúde, a se afastar das organizações espíritas, recolhendo-se ao lar. Ainda assim

continuava escrevendo. Estava publicando uma série de 15 trabalhos em fascículos. Já recebemos os 5 primeiros volumes da obra de J. Lhomme, na seguinte ordem: I — *Diante do Invisível*; II — *Uma Experiência com Deus*; III — *Manifestações de um beneditino*; IV — *Augusto, o indisciplinado*; V — *Um desconhecido vem provar a sua sobrevivência*. J. Lhomme aceitou o Espiritismo, com sua esposa, Madame Lhomme, após a terminação da 1.^a guerra mundial. Tendo feito a guerra de 1914/18, ficou em estado grave, em Setembro de 18, por intoxicação de gases. Começou a estudar o Espiritismo, vindo a prestar, daí por diante, grandes serviços à Doutrina. Eis, em resumo, as principais atividades espíritas do operoso confrade belga: fundador da «Casa Espírita de Liège»; sob forma cooperativa, em 1921; diretor da *Revista Espírita Belga*, 1921/45; membro fundador da Federação Espírita Internacional, nascida do Congresso de Liège, 1923; Conselheiro do Comité Executivo da Federação Internacional, 1934; Presidente da União Espírita Belga, 1940; dirigiu diversos congressos espíritas e, por último, como justa homenagem, foi distinguido com o título de *Presidente Honorário* da Federação Espírita de Liège.

Estava escrevendo dois livros, além da série já anunciada. Um desses livros intitula-se: «*Novo método de desenvolvimento mediúnico*».

O confrade J. Lhomme era professor diplomado, tendo ensinado desenho em cursos superiores.

Ainda há pouco, em carta dirigida a um colega nosso, J. Lhomme referiu-se à codificação de Kardec nestes termos: «Vejo que a obra do mestre teve grande repercussão no Brasil».

Ao Espírito recém-liberto de J. Lhomme auguramos toda sorte de venturas a que fez jús pela sua ação acentuada no esclarecer seus contemporâneos aqui.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Agradecimento

Da União Social Espírita á Imprensa Espírita do Estado de São Paulo e outros jornais que tem colaborado na campanha de unificação

Terminando a apuração dos trabalhos de 1948, a União Social Espírita, por intermédio do seu Departamento de propaganda, vem à presença de todos os jornais que lhe deram apôio, transmitir os seus agradecimentos sinceros.

Não seria possível a realização de tão elevados trabalhos como os que óra a U. S. E. tem feito, sem uma propaganda eficiente, em jornais de conceitos elevados, merecedores da confiança dos espíritas.

O êxito dos trabalhos realizados, dependeu em grande parte da acolhida fraterna dos jornais idôneos, aos quais, a U. S. E. hipotéca a sua inteira solidariedade e declara penhoradamente grata.

E. Manso Vieira.

Dir. do Dep. de Propaganda

Abrigo Pinheiro Machado

Da Direção do Abrigo Pinheiro Machado, de Novo Horizonte, recebemos as seguintes comunicações:

Décio Sampaio e Célia Sampaio : — Os marginados deixaram de trabalhar para esta casa, não estando mais autorizados a representar esta instituição.

Cooperadores : — São cooperadores desta Instituição, visitando as cidades, solicitando donativos para os trabalhos assistenciais e obras que estamos construindo os seguintes confrades: *Daniel Ferreira da Silva, Luiz Rodrigues, Luiz Gonzaga Cruz, Dante Ferrioli e Lourenço Bianchi.*

Donativos na Capital : — Poderão ser encaminhados, pelos que de-

sejarem nos auxiliar na construção do Educandário Arthur de Castro, aos seguintes Diretores desta casa: *José Augusto Adail Oliveira*, Rua Barão do Bananal, 441 — 3.º — 304 e *Waldomiro Teixeira de Carvalho*, Rua Barão do Bananal, 1.478.

Departamento Agrícola «Ari de Oliveira : — O Abrigo está organizando êste Departamento, sob a Direção do sr. *Dante Ferrioli* o qual iniciará seu funcionamento neste ano agrícola. Manterá, como consequência a Seção de Produtos «NOSSO LAR», com início na fabricação de Vassouras.

De Votuporanga

Esteve nesta cidade no dia 6 de Junho p. p., o ardoroso propagandista da Doutrina, Dr. Euripedes de Castro, que realizou brilhante conferência no Centro Espírita «Caminho de Damasco», sôbre o tema — «E' uma necessidade a união de todos os espíritas».

A conferência do Dr. Euripedes de Castro, que é representante da União Social Espírita, agradou sobremaneira a numerosa assistência.

Do Correspondente.

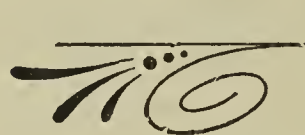
Pela Instrução

O Centro Espírita «Allan Kardec», de Campinas, prossequindo no seu programa educacional, está terminando o pavimento térreo de um grande prédio, parte destinada aos departamentos escolares—Educandário «Euripedes» e Instituto Popular «Humberto de Campos». Êste Instituto há dez anos vem prestando relevantes serviços ás classes pobres, mantendo os seguintes cursos: Prático de Comércio, Corte e Costura, Dactilografia e Pré-Primário. Em Janeiro p. vindouro, as aulas funcionarão em o novo edifício. A matrícula

atual aproxima-se de 500 alunos e com as novas instalações êsse número será elevado ao dobro, considerando-se à grande procura de lugares e à criação de novos cursos. O Educandário «Euripedes» tem por finalidade o amparo integral de crianças orfãs e abandonadas.

A todas as pessoas que se interessam pelo magno problema da

educação e que desejam auxiliar a elevação moral e intelectual das criaturas destituídas de recursos financeiros, a Diretoria do referido Centro faz veemente apêlo para que remetam um óbulo destinado à conclusão das obras e compra de material escolar. Qualquer auxílio poderá ser enviado ao Centro, à rua Conceição, 219 – Campinas, Estado São Paulo.



Necrologia



Darcy J. Lima

Após longos anos de horríveis padecimentos, desincarnou em S. Paulo, no mês de Junho p. p., no Sanatório de Jaçanã, o estimado amigo, Darcy J. Lima, autor de «*Allan Kardec Espírita*», livro êsse editado pela Gráfica Mundo Espírita ha tempos. Dotado de profundos conhecimentos no campo da 3.ª Revelação, era ainda, colaborador assíduo de quasi todos os jornais e revistas espíritas do país. Ultimamente havia-se agravado o seu estado de saúde mas, assim mesmo, ainda enviava seus escritos, em defesa dos postulados espíritas. Darcy J. Lima deixa saudades no coração de todos os que o conheceram e admiravam o brilho e o fulgor desse jovem escritor.

Cel. Amando Simões

Mais um claro difícil de preencher abriu-se na fileira espírita com o passamento do Cel. Amando Simões, facto este ocorrido no dia 1 de Junho último, em São Manoel.

Difundidor incansável da Doutrina pela imprensa e pela tribuna, alma dinâmica, extremamente filantrópica, amiga dos pequeninos e necessitados, o Cel. Amando Simões dei-

xou em milhares de corações profundos sulcos de saudade e gratidão pelos benefícios que espalhou a mancheias aos desprotegidos da sorte, cumprindo assim, os mandamentos cristãos à risca.

Juntamente com D. Clelia Rocha, fundou em 1924, o conhecido Orfanato «Anália Franco», que, graças à sua perseverança, continua a abrigar centenas de orfãos, proporcionando-lhes o pão do corpo e o pão do espírito e as luzes do saber.

Além do Orfanato «Anália Franco», fundou o «Mensageiro do Orfão», jornal de propaganda espírita, do qual foi Diretor até o momento de seu regresso à Pátria Espiritual.

D. Julieta Menezes Soares

Partiu a 19 de Junho último para o mundo espiritual, a irmã acima mencionada, mãe do amigo Antonio Soares de Carvalho, Vice-presidente da *União da Mocidade Espírita de S. Paulo*. Seu enterro realizou-se no dia 20 às 9 horas da manhã, rumo ao Cemitério do Araçá, sendo acompanhado por inúmeros confrades e representantes de diversas entidades espíritas da Capital.

— Aos espíritos recém-libertos, paz e luz são nossos votos.

Os que morrem dizem aos que ficam: — Do que tendes nada é vosso! Os vossos choros o confessam! Para vós, glória e felicidade são palavras lisongeiras. Deus dá aos que morrem os bens reais, os verdadeiros reinos. Vivos! Vós sois fantasmas; nós é que somos os vivos! — Vitor Hugo.

OBRAS de CAIRBAR SCHUTEL

Conferências Radiofônicas

Livro de 206 páginas, enfeixa 15 conferências pronunciadas na P. R. D. 4 Radio Cultura de Araraquara.

Nesse trabalho, como em todos os outros de sua lavra, o escopo de Cairbar Schutel foi insistir sobre a existência do Espírito e sua sobrevivência à desagregação do corpo. Ele sempre se bateu pela imortalidade, razão de ser do moderno Espiritualismo. Sua primeira conferência ao microfone tem por título : «A Imortalidade da Alma.»

Médiuns e Mediunidades

Contendo pouco mais de 100 páginas, esta obra dá uma idéia clara e racional da doutrina espírita, que abrange as esferas religiosa, filosófica e científica, infundindo nas almas o desejo de aprofundar na Revelação Nova, que veio marcar uma Nova Era no progresso dos povos.



Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho

Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias*, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.\$ 35,00
	Semestre	— " "	20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada	40,00
	Semestre	— " "	23,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples	40,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada	55,00

NUMERO AVULSO CR. \$ 3,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente
A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira
Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro

